

Obsessão: a opressão no conto de Clarice Lispector

Giovana dos Santos Lopes
Mestranda em Letras – Estudos Literários – UEM

Resumo: *Obsessão* é um conto permeado por características que revelam o poder e a opressão patriarcal de uma época em que as mulheres eram consideradas submissas e ingênuas.

Cristina é a personagem que sofre as amarras dessa opressão, primeiramente com o marido, e mais ainda com o homem quem acreditou ser o seu ideal. Após ter reconhecido a dominação, em um momento de epifania, opta por voltar ao marido, o que simboliza uma crítica passiva aos moldes que lhe foram inferidos, característica predominante nos textos de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Opressão, Cristina, Clarice Lispector.

Obsession: the oppression in the novel of Clarice Lispector

Abstract: *Obsession* is a story pervaded by features that reveal the power and patriarchal oppression of a time when women were considered subject and naivety. Cristina is the character who suffers the tethers of oppression, first with her husband, and even more with the man who is believed to be your ideal. Having recognized the domination, in a moment of epiphany, chooses to return to her husband, which symbolizes a criticism to the passive way that you were inferred, predominant feature in the text of Clarice Lispector.

Key words: Oppression, Cristina, Clarice Lispector.

Considerações iniciais

Nosso interesse nesse estudo é realizar uma possível análise, sob o viés feminista, de *Obsessão*, um dos contos que integram *A bela e a fera* (1979), de autoria de Clarice Lispector (1920-1977).

Sabe-se que a representação feminina tem sido foco de diversos estudos no que se refere ao campo literário. O papel da crítica literária feminista é apontar a desigualdade entre os sexos sob o ponto de vista cultural. Em suma, partindo do fato de que essa desigualdade é fruto de um contexto histórico do patriarcado, uma herança ideológica que insere a mulher ao posto secundário, no que tange a função de reprodução; essa desigualdade é um tipo de poder da sociedade, o que a torna passível de transformação.

Essa diferença hierarquizada deve ser questionada com o intuito de delimitar as diferenças entre os gêneros sem submetê-los a qualquer tipo de superioridade, ou seja, possui como base o princípio de igualdade entre os sexos.

Para tanto, com a finalidade de periodizar a história da conquista da escrita literária feminina, a teórica americana Elaine Showalter divide a literatura inglesa em três etapas: a *feminina* (1840-1880), em que repetia os padrões tradicionais, ou seja, masculinos, adotando pseudônimos; a *feminista* (1880-1920) que foi marcada pelo protesto à exclusão e a *fêmea*, desde 1920 até a atualidade, que eclodiu com a conscientização de sua auto-realização.

No tocante a literatura de autoria feminina brasileira, segundo Xavier (apud Zolin 2005) podemos incorporar essas três fases, porém, com algumas modificações cronológicas: a *fase feminina*, a partir de 1859, com o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, no qual a mulher obtinha um caráter pejorativo, frágil e indefeso; a *fase feminista*, em 1944, com *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, em que a mulher encontra-se numa postura político-ideológica fundada no movimento feminista; e a partir de 1990, surge a *fase fêmea* ou *mulher*, com uma literatura voltada para a autonomia da representação feminina sem o peso dos valores patriarcais .

A segunda fase, denominada de *feminista*, caracterizada pelo seu contexto político-social devido às transformações da época, visou a crescente emancipação da mulher, ou seja, houve paulatinamente, uma mudança da condição “feminina” para a “feminista”.

As escritoras inseridas nessa fase já obtinham o direito conjunto aos estudos aprofundados, e o ato de escrever também lhes trazia independência financeira.

Os temas relacionados emergiam para um estado psicológico, subjetivo; a maioria das personagens é inserida num mundo interiorizado, introvertido, do qual obtinha plena consciência da submissão ao poder masculino

Inaugurando essa nova fase na trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, a escritora Clarice Lispector (1920-1977) utilizou suas sofisticadas leituras de filosofia e literatura estrangeira para a criação de um estilo profundamente pessoal de constante questionamento da existência através da palavra, a partir dos pontos de vista existencialista e psicológico.

Suas obras eram pautadas nas relações de gênero que emergiam as diferenças sociais entre os sexos, e traziam críticas aos valores patriarcais que resultavam numa conscientização da repressão feminina.

Suas personagens são construídas por meio de características filosófico-existenciais inseridas numa situação de conflito, e sempre reguladas pela ideologia dominante da sociedade. As soluções encontradas por essas personagens representam o nível de concretização "possível" diante da agressividade social a que eram submetidas. Quando houvesse o rompimento, mesmo que interno, da mulher com os laços sociais, com as convenções de qualquer espécie, estaria sendo criado o espaço de liberdade.

Sendo assim, Clarice deu início a uma nova forma de narrar, um novo estilo que se desintegrou da escrita singela e indefesa. Rompeu com as barreiras completamente cegas da época anterior, eclodindo um valor estético inquestionável.

Contudo, a individualidade feminina que propunha evidenciar era aparente, pois seguia um modelo, ainda imbuído nos padrões da sociedade patriarcal, ou seja, era sim inovadora, mas apenas como crítica contundente aos valores dominantes.

De acordo com CAMPOS (1992), a crítica feminista deu condições para que se compreendesse de uma nova forma a conexão entre duas das formas de rebaixamento a que a mulher esteve sujeita, o social e o literário.

Tais formas se refletem na construção do cânone literário, em que verificamos a predominância da autoria masculina resultando no desprezo para a contribuição da mulher escritora, “[...] desprezo este que assume a forma da exclusão de determinadas escritoras e da distorção ou da incompreensão relativamente às poucas dentre elas incluídas nele.” (CAMPOS, 1992, p.116).

Segundo SAID (1990), os estudos feministas, assim como os estudos étnicos ou anti-imperialistas, promovem um deslocamento radical de perspectiva ao assumirem como ponto de partida de suas análises o direito dos grupos marginalizados de falar e representar-se nos domínios políticos e intelectuais que normalmente os excluem, usurpam suas funções de significação e representação e falseiam suas realidades históricas.

A crítica feminista vem tentando deslindar as fronteiras impostas às mulheres. Fazendo uso de novas teorias, ela convida o leitor a repensar a tradição literária, bem como ler textos de autoria feminina buscando desvelar os traços de opressão, então ocultos.

Em *Obsessão*, encontramos presentes tais aspectos que verificaremos a seguir.

1. Opressão, incorporação e epifania

Obsessão é um dos contos que integram a obra *A bela e a fera* (1979). A narrativa apresenta a história de Cristina, menina criada sobre os modos patriarcais vigentes da sociedade, que se casa com Jaime, o qual lhe oferece uma vida seguida dos mesmos moldes. Após uma doença, sob pretexto de “fuga” do cotidiano, viaja para uma pousada como finalidade de tratamento. Lá conhece Daniel, um sujeito despretenso e descomprometido com a vida; apaixona-se por ele, pela forma com que ele lhe confere inteligência através do discurso, e por sua maneira peculiar de levar a vida.

Já apaixonada por Daniel, ela volta com Jaime para sua cidade, porém, depois de algum tempo, não conseguindo esquecê-lo, e toda sua admiração por ele, ela parte para uma nova vida ao seu lado.

Vivendo com Daniel, de forma submissa, sem perceber, Cristina acaba por obter um momento de súbita consciência, o que a faz igualar-se a Daniel oportunizando o fim do relacionamento. Retoma sua vida com Jaime, que a aceita de volta, mas a relação de ambos nunca mais volta a ser a mesma.

No que tange o processo opressão, evidente no conto, partimos para o desnudamento de suas personagens: A personagem Cristina começa sua narração falando do fim de seu caso com Daniel. Para tanto, ela sente necessidade de apresentar, primeiramente, suas origens: Teve uma infância boa, cuidada sob os olhos paternos, “até que um dia em mim descobriram uma mocinha, abaixaram meu vestido, fizeram-me usar novas peças de roupa e consideraram-me quase pronta” (LISPECTOR, 1995, p. 27)

Segundo Bourdieu (2005), existe um adestramento dos corpos desde a educação primária que os coloca a disposição para entrar nos jogos sociais mais favoráveis à virilidade masculina, ou seja, Cristina estava apta para casar:

Mudamo-nos para uma casa mais próxima da cidade [...]. Lá eu teria oportunidade de conhecer rapazes e moças, dizia mamãe. Realmente fiz depressa algumas amizades, com minha alegria amena e fácil. Consideravam-me bonitinha, e meu corpo forte, minha pele clara causavam simpatia (Lispector, 1995, p. 26).

Observamos que a opressão masculina, por meio da violência simbólica, em Cristina, já lhe é incumbido desde a infância por meio dos pais, ou seja, era necessário que ela fosse “certinha”, correta; que ostentasse uma aparência de boa moça para a sociedade.

Se Jaime, o marido, era um prolongamento da vida anterior, obviamente, seria a extensão de uma ideologia dominadora: “Nada pensava e apoiava-me em Jaime com serenidade. - Gosto mais de ti sem verniz nas unhas... – Deferido o pedido meu senhor. – Mas não foi pedido: foi uma ordem...” (LISPECTOR, 1995, p.55).

Nestas expectativas objetivas está inscrita a divisão de trabalho. A “vocação” produzida proporciona encontros harmoniosos fazendo com que as mulheres cumpram, felizes, as suas tarefas. O chefe, geralmente um homem, exerce uma autoridade paternalista (dá ordens, mas também “protege”).

Mas as relações de poder e força estão muito bem evidenciadas em Daniel, que é caracterizado pela narradora como inteligente, dominador das palavras “A universalidade de... [...] O sentido abstrato que..” (LISPECTOR, 1995, p. 32); alguém que é desprezado das “banalidades” da vida.

É importante notar a primeira imagem que ela teve dele, as impressões que ele lhe causou devido à fisionomia: “Falo daquela sua fisionomia de minhas primeiras impressões, bem diversa do conjunto a que me habituei. [...] Seus dedos curvos e compridos, aquelas sobrancelhas afastadas, densas.” (LISPECTOR, 1995, p. 29).

Além de não perceber Cristina, Daniel a julgava banal, simples demais (e repudiava tudo que se transmitia como simples). Foi ela quem se aproximou dele, e isso o fortaleceu ainda mais, pois sabia que ela buscava algo nele que a fascinava, o discurso:

Suas palavras deslizavam sobre mim, sem me penetrar. No entanto, adivinhei, singularmente incomodada, elas escondiam uma harmonia própria que eu não conseguia captar... Tentava não me distrair para nada perder da conversa mágica (Lispector, 1995, p.32).

“Mágica”. Essa é a palavra que penetra nos sentidos da narradora, que a faz viajar para emoções nunca antes sentidas. Através das palavras “encantadoras” e “sábias” de Daniel, Cristina é completamente dominada. Bourdieu (2005) explica que, decorrente da violência simbólica, as mulheres têm dificuldade de impor a própria palavra, e o discurso estaria incumbido aos homens, sobretudo, o discurso inteligente. É por meio dele que o patriarcalismo evidencia uma de suas armas mais constantes e simbólicas.

Toda a ânsia por uma libertação é inferida pelo encantamento da fala de Daniel, tornando-a, gradativamente, permeável às “lições” que suas palavras encerram. A entrega aconteceu em momentos de pura filosofia sobre a vida. Era como se um entorpecimento lhe roubasse os sentidos: “Soprar no meu corpo um pouco de veneno, do bom e terrível veneno” (LISPECTOR, 1995, p. 30). E de forma persuasiva: “Mais abandono. Deixe que minha voz seja o seu pensamento” (LISPECTOR, 1995, p. 40).

Concomitante com a “aprendizagem” que Daniel que oferecia, as críticas também eram incisivas: “Cristina, você sabe que vive? Cristina, é bom ser inconsciente? Cristina você nada quer, não é mesmo? [...] Cristina você quer que eu a acorde?” (LISPECTOR, 1995, p. 40).

E assim sucedeu a dominação de Daniel para com Cristina, até torná-la “nervosa, agitada, mas inteligente” (LISPECTOR, 1995, p. 41).

Perante esse degradante estado de objetificação de Cristina, podemos inferir a lógica do processo de reconhecimento e incorporação dessa opressão. Do ponto de vista do processo de dominação de Cristina, podemos afirmar que o ponto culminante dessa ocorrência foi o discurso, um dos mecanismos presentes na violência simbólica.

É interessante notar que nossa protagonista ainda não consegue diferenciar aquilo que chama de “liberdade” e subordinação, ou seja, seu momento de epifania ainda estava por vir.

Segundo Bourdieu (2005), a incorporação da dominação se faz presente na “diferença”, ou seja, quando se assume sobre o dominado o ponto de vista do dominante e que aquilo mesmo de que ele pretende se diferenciar é produto de uma relação histórica de diferenciação.

O desejo de mudança contribuiu para que a objetificação fosse incorporada, pois Cristina queria a força de Daniel para comandá-la. Via nele um ser de comando, de voz, e passou a projetar, em sua imagem, a possibilidade de felicidade:

Eu obedecia procurando não descontá-lo em coisa alguma, entregando-me às suas mãos e pedindo perdão por não lhe dar mais. E porque nada me pedia, nada do que

eu não mais hesitaria em lhe oferecer, ainda mais caía na certeza de minha inferioridade e de nossa distância (Lispector, 1995, p.41).

Ela desejava que Daniel sentisse um sentimento de pena por ela, o que provaria, inconscientemente, sua submissão frente àquele homem que admirava, que lhe apresentava um mundo forte e inteligente.

Bourdieu (2005) afirma que o corpo é percebido pelos indivíduos como herança da identidade social que o julga e o qualifica. Essas propriedades corporais são denominadas e construídas através de uma percepção que depende da posição ocupada no espaço social, contrapondo e criando uma distinção entre dominante e dominado. O olhar não é apenas um simples poder universal, mas é um poder simbólico, pois torna o outro como objeto que acaba se reconhecendo dessa forma.

A necessidade do olhar do outro faz com que o corpo obtenha um valor, e deve ser avaliado e exibido conforme a expectativa alheia, o que transforma o indivíduo numa vítima do julgamento social e a autodepreciação.

Nessa medida, ao mesmo tempo em que se constata a incorporação da dominação de Daniel para com a narradora, podemos verificar que a busca pela valorização não era somente para estar ao seu lado, mas, sobretudo, para obter uma liberdade de vida:

Aquelas longas conversas em que eu apenas ouvia, aquela chama que acendia nos meus olhos, aquele olhar lento, pesado de conhecimento, sob as pálpebras grossas, haviam me fascinado, acordado em mim sentimentos obscuros, o desejo doloroso de me aprofundar em não sei quê, para atingir não sei que coisa... E, sobretudo, haviam despertado em mim a sensação de que palpitava em meu corpo e em meu espírito uma vida mais profunda e mais intensa do que a que eu vivia (Lispector, 1995, p. 51).

Embora deixando Jaime, definitivamente, e vivendo com Daniel, Cristina ainda estava moldada segundo os padrões patriarcais, ou seja, incorporou os afazeres domésticos e tudo que precisasse para “cuidar” dele. É a partir desse ambiente que Cristina começa a avaliar-se, o que lhe irá conferir tentativas de libertação.

Diante da discussão empreendida sobre ao processo de opressão por meio da dominação, e a incorporação da subjetificação, verificamos agora, em Cristina, algumas tentativas de libertar-se dessa superioridade: “Já não o ouvia fremente, exaltada, como outrora. Eu nele entrara. Nada mais me surpreendia.” (LISPECTOR, 1995, p. 57).

Mesmo encontrando-se numa situação em que Daniel não mais lhe oportunizara nenhum tipo de encantamento ou admiração, ela temia que ele a mandasse embora. A queda total dessas qualidades observadas por Cristina acontece quando, depois de uma tarde em que demorou a voltar para casa, encontra Daniel “casmurro”, sem ter jantado, ou seja, sem ela tê-lo servido:

De repente abri os olhos, espantada. Pela primeira vez descobria que Daniel precisava de mim! Eu me tornara necessária ao tirano... Ele, sabia agora, não me despediria... Lembro-me de que parei com a cafeteira na mão, desnorteada. [...] Então... ele precisava de mim? Não sentia alegria, mas como um desapontamento: bem pensei, terminou minha função. Assustei-me àquela reflexão inopinada e involuntária (Lispector, 1995, p. 59).

É nesse momento que percebemos a epifania do conto, ou seja, o *insight* da personagem, a revelação que acontece de forma repentina.

A partir dessa ocasião, Daniel iguala-se a ela, pois se uma vez ele era necessário à Cristina, ela agora se tornara necessária a ele “e Daniel fraquejara, desencantara-se” (LISPECTOR, 1995, p. 59). Ela agora degustava o sabor do triunfo de poder olhá-lo de frente, e ele, por sua vez, perdeu definitivamente a função de dominador: “Ele percebeu minha transformação e, se de início retraiu-se surpreso com minha coragem [...] Ele tornou-se fraco, mostrou-se como realmente era” (LISPECTOR, 1995, p. 60).

Mesmo já sabendo que Cristina havia encontrado sua posição como sujeito, Daniel não propôs a ela que ela fosse embora, pois precisava dela para sentir-se vivo, por meio de sua tentativa de objetificação e dominação. Quando percebe que a situação não está mais a seu favor, que Cristina estava prestes a ir embora, Daniel tenta de súbito atacá-la com o discurso, mais uma vez, enfatizando que somente ela era sozinha “Não estás só. Sempre estiveste só” (LISPECTOR, 1995, p.62).

Chega o momento que Daniel se iguala por completo à Cristina:

Encaramo-nos um momento, sem cólera, os olhos desarmados, procurando, cheios de agora curiosidade quase amiga, o fundo de nossas almas, o nosso mistério que deveria ser o mesmo. Desviamos o olhar ao mesmo tempo, perturbados (Lispector, 1995, p. 63).

Contudo, mesmo ficando sozinho, pois Cristina o abandona, ainda assim, ele tenta se mostrar altivo, como uma forma de não expressar-se como perdedor ou inferior a ela:

“Via-lhe as costas, a cabeça escura erguida, como se ele olhasse para frente” (LISPECTOR, 1995, p. 64).

É importante notar que a narradora relata sua história quando esse tempo já havia passado. Podemos perceber trechos e palavras com uma enorme carga depreciativa em relação a Daniel, “perverso”, “irônico”, “tirano” e “frio”, são algumas características que lhe são incumbidas ao longo da narrativa.

Partimos para o pressuposto de que Cristina detém duas imagens construídas de Daniel, ou seja, a primeira foram as impressões que ele lhe causou devido ao discurso inteligente, e a segunda, a lembrança de suas palavras dominadoras, de sua alma doente, de tudo o que não era humano em Daniel: “Conheci mais tarde, o verdadeiro Daniel, o doente, o que só existia, embora em perpétuo clarão, dentro de si próprio” (LISPECTOR, 1995, p. 35). Ela o exemplifica como um completo dominador, mas fraco, amargo, que só sabia falar e usar de seu discurso como arma para obter uma presa fácil, como ela havia sido.

Sob esse prisma, verificaremos que a submissão à dominação, à opressão em que Cristina ainda está inserida, mesmo depois de ter descortinado seu relacionamento com Daniel, pois volta para Jaime, que a aceita sem questionamentos; evidencia-se pelo fato da narradora não encontrou o que buscava, ou seja, ela retorna para a vida pacata, para os costumes anteriores vigorados sob os moldes patriarcais.

Tal situação apenas faz com que a personagem obtenha uma crítica passiva, contundente aos valores dos quais sempre foi submetida, optando pela segurança que, desde a infância, lhe foi oferecida.

Considerações finais

Diante do exposto constata-se que o conto analisado apresenta uma visão crítica sobre a repressão feminina diante dos aspectos da ideologia dominante. Através da constatação de que a opressão representada por Daniel, verifica-se também, que há uma consciência do estado de subjetificação e uma tentativa de libertação.

Entretanto, aos moldes das personagens de Clarice Lispector, a crítica está demonstrada por meio do deslindamento que o texto nos proporciona, ou seja, por meio da sua personagem reprimida e subjetificada que, num momento de revelação, faz uma estonteante avaliação de sua posição de mulher inserida numa sociedade patriarcal.

Embora tenha a opção de libertar-se completamente do regime opressor, ela prefere voltar e encaixar-se no mundo calmo e seguro em que sempre esteve inserida.

A rigor, hoje já temos uma literatura que alcançou superação aos pares dicotômicos, o que convergiu do essencialismo para o pluralismo, em que as personagens femininas libertaram-se, paulatinamente, das amarras que as atavam ao modo de pensar e agir até a completa ruptura, mediante o resgate de sua identidade.

Essa conquista só foi possível enquanto houve grandes precursoras que acreditaram em suas produções literárias, como forma de apresentar a sua arte, mas também, sobretudo, para conquistarem a igualdade de toda uma sociedade.

Referências bibliográficas

- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (orgs). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.
- BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAMPOS, Maria Consuelo. *Gênero*. In: Jobim, José Luís. *Palavras de Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LISPECTOR, CLARICE. *Obsessão* in: A Bela e a Fera 5ªed. Alves Editora. RJ, 1995.
- ZOLIN, Lúcia Osana. *Desconstruindo a Opressão*. Eduem: Maringá, 2003.
- SAID, E. W. *Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.